DA CLÍNICA PARA A ESCOLA: A COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA E AMPLIADA ATRAVESSANDO MUROS

Grazielle Ribeiro Lisboa Arnaud de Queiroz (graziellelisboa87@gmail.com)
UERJ

Modalidade do trabalho
Trabalho científico

RESUMO

Introdução: o presente trabalho trata-se de um recorte de uma pesquisa maior de mestrado, realizada em três escolas de Educação Infantil localizadas em um município do estado do Rio de janeiro. Entre os desafios apontados por educadores no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), estão os déficits sócio comunicativos que acompanham o transtorno. Devido a estes déficits na comunicação, crianças com TEA apresentam boa indicação para o uso da Comunicação Alternativa e Ampliada (CAA). No entanto, muitas vezes, o uso da CAA fica restrito a um espaço de convívio social do indivíduo, não sendo utilizado em outros espaços.

Objetivos: discutir e elaborar meios para que a CAA utilizada em um dispositivo de saúde pública, onde as crianças com TEA recebiam acompanhamento terapêutico, também passasse a ser utilizada na escola onde cada criança estudava.

Público Alvo: três crianças com idades entre quatro e seis anos, diagnosticadas com TEA e que apresentavam necessidades complexas de comunicação, cinco professores e três mediadores.

Descrição das ações desenvolvidas: com base nas estratégias metodológicas da pesquisa-ação, foi realizado uma pesquisa qualitativa na qual os professores e mediadores juntamente com a pesquisadora que também era a fonoaudióloga que atendia as crianças no dispositivo de saúde pública, participaram de forma conjunta na discussão e elaboração de estratégias de CAA para as crianças. Para isto, os profissionais primeiramente responderam a um questionário sobre seus conhecimentos a respeito da CAA e sobre suas impressões das crianças participantes. Em seguida os profissionais participaram de encontros de formação, onde puderam aprender mais sobre a CAA e trocar informações sobre as crianças. Após a formação, a pesquisadora realizou a observação das crianças em sala. As observações feitas pela pesquisadora foram pontuadas para os profissionais e juntos elaboraram estratégias de ação e os cartões de CAA para as crianças. Ao final da pesquisa os profissionais responderam a mais um questionário, que visava analisar as impressões dos profissionais com a pesquisa.

Resultados: após as ações realizadas junto aos profissionais, foi observado que duas das três crianças da pesquisa utilizaram os cartões de CAA na escola. Porém o uso da CAA se restringiu a um interlocutor e a alguns momentos da rotina escolar, não sendo observado o uso com outros interlocutores e em diferentes espaços da escola. Dos oito profissionais participantes, cinco participaram dos encontros de formação e dois utilizaram os cartões de CAA com as crianças.

Conclusão: A participação do fonoaudiólogo, que é um profissional com formação para transitar entre os diferentes espaços, articulando os saberes entre a saúde e a educação,

DOI: 10.55592/S/N.2023.7216769

foi bastante significativa para a elaboração de estratégias em conjunto para uma melhor abordagem comunicativa para as crianças participantes. No entanto, a efetivação de práticas inclusivas mostrou-se dependente de mudanças estruturais e organizacionais da escola. Faz-se necessário mais estudos que envolvam a relação intersetorial, entre a saúde e a educação, nas práticas comunicativas com a CAA em indivíduos com TEA.

Palavras-chave: Comunicação Alternativa, Autismo, intersetorialidade, Educação Infantil, formação de professores

Apoio / financiamento: próprio

DOI: 10.55592/S/N.2023.7216769